

O EVANGELHO SEGUNDO MARCOS

O Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos é o mais antigo e o menor de todos, com apenas 16 capítulos. Pela ordem no Novo Testamento, Marcos aparece como o 2º evangelho, mas é o primeiro historicamente e fonte de inspiração para os evangelhos de Mateus e Lucas. Por séculos o Evangelho de Marcos tem sido como o “parente pobre”, praticamente esquecido até do lecionário festivo (antes do Vaticano II). Santo Agostinho considerava-o como um resumo de Mateus.

AUTOR

Como nos demais evangelhos, os autores de Marcos também são anônimos. Uma antiga tradição, testemunhada por Pápias, bispo de Hierápolis, por volta de 150 d.C., atribui a obra a Marcos. Seria o João Marcos em cuja casa se reunia uma igreja doméstica na cidade de Jerusalém (At 12,12). Marcos não era um dos apóstolos chamados diretamente por Jesus. Mas os vários testemunhos dos outros escritos do Novo Testamento mostram que ele era uma pessoa atuante desde os primórdios da Igreja, acompanhando os outros apóstolos como Barnabé (Cl 4,10; At 12,25), Paulo (At 13,5; Fm 24) e Pedro (1Pe 5,13).

DATA

Os dados internos da obra de Marcos apontam para um tempo de perseguição (cf. 8,34.38; 10,30.33.45; 13,8). O evangelho de Marcos deve ter sido escrito, de acordo com a maioria dos exegetas, por volta do ano 70. No cap. 13 percebe-se com facilidade ao menos a aproximação ameaçadora da guerra judaica.

LOCAL

Segundo o testemunho de um documento do século II, o Prólogo Antimarcionita, o evangelho teria sido composto “nas regiões da Itália” e mais concretamente em Roma (Irineu e Clemente de Alexandria). Os estudos mais recentes apontam com mais probabilidade que tenha sido elaborado em algum lugar próximo à Galileia e no sul da Síria. A tradição oral de Jesus que Marcos conhece é mais a que estava em curso na região da Palestina do que na distante Roma. Jesus é situado por ele em um mundo rural, que é também o seu mundo.

AS COMUNIDADES MARCANAS

A década de 60 é marcada pela ocorrência de fatos decisivos para as novas comunidades cristãs e para o judaísmo. Pelo ano 62 d.C., as tensões políticas na Palestina davam início aos movimentos que levariam à guerra entre judeus e romanos (de 66 a 70 d.C.), que acarretou o fim da independência dos judeus e a destruição do Templo de Jerusalém. Nesse meio tempo, morreram as principais lideranças da Igreja: Tiago, Pedro e Paulo na perseguição promovida pelo imperador Nero. O império romano também passava por período de intensa crise política: final do governo de Nero e luta pelo trono imperial.

Os autores de Marcos têm como destinatários comunidades cristãs de origem palestinese. No entanto, elas têm em seu meio pessoas de origem não-judaica, uma vez que dão explicações a respeito de costumes dos judeus.

Os destinatários deviam estar passando por situações difíceis, de perseguição, dúvidas e crises de fé. Achavam-se meio perdidos, sem muita convicção e sem muito futuro. Deviam ter opiniões diferentes a respeito de Jesus, o que devia dar origem a confusão e desentendimentos. Como consequência, não devia estar bem claro, diante de tais situações, o que significava ser discípulo e discipula de Jesus. Por isso, os dois principais objetivos do Evangelho segundo

Marcos é mostrar quem é Jesus de Nazaré para as comunidades e o que é ser discípulo de Jesus de Nazaré nos dias em que este Evangelho foi escrito.

Como os demais evangelistas, também o de Marcos descreve a vida de Jesus intimamente ligada à vida de suas comunidades. Por isso, não informa somente sobre a mensagem e os gestos do Nazareno, mas mistura a mensagem, a prática e os conflitos dos anos 60. Ele atualiza para um novo contexto a Boa Nova do Messias.

Os autores de Marcos estão interessados em animar as comunidades a se manterem vigilantes, firmes e perseverantes na fé, apesar das perseguições e conflitos. Procuram corrigir a ideologia messiânica triunfalista de sua comunidade. Lembra que os conflitos, a cruz e o sofrimento faziam parte do caminho de Jesus.

AS FONTES DE MARCOS

De onde provêm o patrimônio tradicional, que Marcos encontrou, em grande parte, formado? Marcos trouxe para o seu escrito tradições mais antigas, que, na forma original, ainda não tinham sido propostas e transmitidas como “Evangelho”. Ele prefere composições mais extensas (patrimônio narrativo), já fixadas pela tradição:

- história da paixão (cap.14-15);
- narração dos milagres (1,23-31(34) e 4,35-5,52);
- parábolas (cap. 4): Elas têm o mesmo tema: o semeador e a semente. Há uma variação das formas de expressão usadas por Jesus (comparações, parábolas, ensino, interpretação alegórica, sentenças e breves ditos figurados);
- discurso apocalíptico (cap.13): As profecias e exortações têm a sua melhor explicação na espera cristã primitiva do retorno próximo de Jesus.
- discursos polêmicos e didáticos (2,1-3,6 e 11,27-12,37): Em cada passagem desta coleção o interesse da comunidade, que a reuniu, pelas palavras de Jesus que podem ajudar a resolver os seus problemas práticos, como os referentes ao jejum, a santificação do sábado, etc.

A ESTRUTURA DO EVANGELHO

O Evangelho de Marcos se divide em duas partes:

- Prólogo (Mc 1,1-13) – Jesus é o Filho de Deus
- 1ª parte (Mc 1,14-8,21) – Quem é esse homem que faz milagres, cura e exorciza?
- 2ª parte (Mc 8,22-16,8) – Quem é Jesus e quem é o discípulo?
- Apêndice (Mc 16,9-20) - Acréscimo posterior

A estrutura é de Marcos e nos dá indícios da intenção teológica do evangelista. Marcos se pergunta: “Quem é Jesus?” Esta pergunta se manifesta em toda a primeira parte e está também no centro (8,27ss). A partir desta pergunta Marcos faz outra: “Quem é o verdadeiro discípulo?” (8,34ss; 9,35ss; 10,42-45).

SÍNTESE DO EVANGELHO

Prólogo – Mc 1,1-13

O prólogo aponta o objetivo principal de sua obra: apresentar a “Boa Notícia de Jesus, o Messias, o Filho de Deus” (1,1). O começo da Boa Notícia está escondido na esperança que vinha desde o êxodo, passando pelos profetas até chegar em João Batista, que aponta Jesus como aquele que realizará a esperança do povo.

Os poucos versículos iniciais apresentam a identidade de Jesus que, ao longo do evangelho, vai sendo revelada em sua prática libertadora:

incompreensão dos discípulos, mostra qual é o objetivo de Marcos. Quer incutir nos cristãos a seriedade do compromisso de seguir Jesus:

-Jesus é o Messias, mas não o glorioso e triunfalista, e sim o que vai a cruz por amor (Quem é Jesus?).

-Isto requer dos discípulos atitude semelhante (Que é o discípulo?).

Bloco 11,1-13,37: o conflito e a ruptura.

Marcos desenvolve o drama dos capítulos 11-13, focalizando o embate entre Jesus e as autoridades judaicas. No Templo, Jesus é abordado pelos chefes religiosos e começa o confronto direto. Eles querem saber com que autoridade Jesus faz as coisas. Os sacerdotes e os anciãos mantiveram o seu projeto de matar Jesus. Fariseus e herodianos, que antes eram inimigos entre si, agora se unem para combater Jesus. Esses grupos armam ciladas contra ele para poder pegá-lo e condená-lo. Jesus desmascara a hipocrisia dos saduceus, que fazem perguntas sobre assuntos polêmicos que dividiam a opinião pública.

A instrução de Jesus aos discípulos e discípulas, agora, não é mais em palavras, mas sim, em forma de ação e de testemunho. Os discípulos e as discípulas vivem o conflito que a adesão a Jesus traz consigo e aprendem o que significa, no concreto, “seguir Jesus e carregar a cruz”. Ele faz o seu último discurso (13,1-32) para apenas quatro ouvintes: Pedro, Tiago, João e André. A preocupação principal do discurso apocalíptico é ajudar os discípulos a discernir os sinais dos tempos e sobre a importância da vigilância.

Bloco 14,1-16,8: paixão, morte e ressurreição

No Evangelho de Marcos, a descrição da paixão (14,1 a 15,39) tem como moldura dois discípulos modelos: uma mulher anônima (14,8-9) e um homem pagão (15,39). Eles foram capazes de reconhecer a presença do Filho de Deus num ser humano crucificado. Em contraste com os discípulos, Simão de Cirene também é apresentado como o discípulo ideal (15,21-22). Ele carrega a cruz atrás de Jesus até o Calvário.

Na história da paixão também vai aparecer o desfecho trágico do relacionamento dos discípulos com Jesus. O último encontro de Jesus com os discípulos realiza-se no ambiente solene da celebração tradicional da Páscoa. O contraste é muito grande. De um lado, os discípulos: eles estão inseguros, sem entender nada. De outro lado, Jesus: ele faz um gesto de partilha convidando os amigos a tomar o seu corpo e o seu sangue, e distribui o pão e o vinho como expressão do que ele mesmo está vivendo naquele momento: entregar-se a si mesmo, doar a vida pelos irmãos.

O Evangelho de Marcos termina com a descrição dos acontecimentos da ressurreição de Jesus (15,40 a 16,8). A Boa Notícia da vitória sobre a morte se manifesta na sua ressurreição e na ordem aos discípulos de retornar para a Galileia, onde Jesus vai reencontrar-se com eles. De fato, o Evangelho de Marcos é apenas “começo (1,1) de uma prática que compete aos seus discípulos continuar em todas as épocas e lugares.

Apêndice – Mc 16,9-20

O texto de 16,9-20 não faz parte do original de Marcos. É um acréscimo posterior. Provavelmente os cristãos da primeira geração quiseram completar o livro de Marcos com um resumo das aparições de Jesus ressuscitado e com o relato dos sinais da sua presença na comunidade.

TEOLOGIA DE MARCOS

Qual foi a concepção teológica que guiou Marcos ao escrever um evangelho?

1-A cruz como epifania do Filho de Deus.

Jesus é o “evangelho”, enquanto Cristo “Messias” que dá cumprimento às promessas divinas, e Filho de Deus (1,1). A parte central do evangelho apresenta três temas diferentes e complementares.

- *a progressiva revelação da sua figura por meio de quatro títulos principais:*

- Ele é “Jesus”, título que aparece cerca de oitenta vezes, o filho de Maria (6,3), o Verbo Divino que assume a natureza humana com todas as suas consequências, exceto o pecado. Jesus também traz em seu nome a missão que vai exercer (Deus salva), libertando as pessoas de doenças e de todas as forças malignas que impedem a manifestação do Reino (6,7.13). Era surpreendente que Jesus estivesse sempre ao lado dos pobres, dos que choram, dos que passam fome, dos fracassados, dos impotentes, dos insignificantes. Estava misturado com pecadores, os publicanos, pessoas socialmente condenadas e mantidas à distância. O Jesus de Marcos é profundamente humano: compadece-se dos que sofrem (Mc 1,31), fica indignado (Mc 1,41), se entristece (Mc 3,5), fica desiludido (Mc 8,12), olha com carinho (Mc 10,21), se aborrece (Mc 10,14), não sabe o dia nem a hora do final (Mc 13,32), sente medo e angústia (Mc 14,33), grita a sua situação de abandono na cruz (Mc 15,34). É lá que a divindade se esconde e pode ser encontrada. Marcos insiste em que Jesus era de Nazaré, povoado insignificante (1,24; 14,67; 16,6) e era carpinteiro (6,3). Nada disso poderia convencer alguém de que Jesus era o Messias. A humanidade de Jesus era tão comum, tão normal, tão semelhante à nossa, tão afastada de qualquer manifestação da divindade, que os seus parentes se escandalizaram ao ver as obras que Jesus realiza, como se achassem que Jesus tinha perdido o juízo (6,1-5).

-Ele é o “Messias” reconhecido por adversários e amigos, de modo convincente: os endemoniados (1,34), o apóstolo Pedro (8,29), o sumo sacerdote (14,61), os que dele zombavam ao pé da cruz (15,32). Jesus não somente foi feito Messias depois da ressurreição. Jesus era o Messias quando estava com os seus discípulos, andando pelos caminhos da Galileia. Porém, ninguém esperava um Messias desse jeito. E Cristo é o Messias esperado, o Ungido de Javé, que recebe do Pai a missão de “servir e dar a vida em resgate de muitos” (10,45). Marcos chama a atenção para que se evite a fé num Jesus triunfalista e todo-poderoso, sem levar em conta a cruz, isto é, todo sofrimento que teve que enfrentar por causa de sua fidelidade ao projeto do Reino. Ele é o Messias que passa pela cruz, o Servo Sofredor (8,29-31).

-Ele é o “Filho do Homem”, único título que Jesus usou para si mesmo (2,10.28; 8,31.38; 9,9.12.31), título humilde, de solidariedade com as pessoas. Aparece 2x referindo-se ao seu ministério (2,10.28), 9x à sua morte e ressurreição (8,31; 9,9.12.31; 10,33.45; 14,21(bis).41), e 3x à sua parusia (8,38; 13,26; 14,62). Gramaticalmente, a fórmula equivale a “o humano”, “o homem”.

-Ele é o “Filho de Deus”, título que aparece no primeiro versículo (1,1) e é confirmado no final do evangelho. Todos devem olhar para o crucificado e concluir: “Verdadeiramente este é o Filho de Deus!” (15,39). A exclamação do oficial romano marca o início do reconhecimento de todos os povos, que Jesus é o Filho de Deus e não apenas Filho da história humana. Ele é divino, o Filho de Deus igual ao Pai. Conforme Mc 14,61-62, Jesus mesmo tem essa compreensão de si, diante do interrogatório do sumo sacerdote.

- *o segredo messiânico:*

Na primeira parte do Evangelho de Marcos, percebem-se estranhas ordens de silêncio, seguindo cada uma a prática poderosa e libertadora de Jesus e a menção dos seus títulos: exige o silêncio aos demônios, e estes lhe obedecem (1,24-25.33-34; 3,11-12); pede aos seus discípulos guardar silêncio sobre o seu messianismo (8,30) e sobre a sua transfiguração (9,10), e lhe

obedecem; ordena, finalmente, o silêncio às testemunhas dos sinais, não de todos, mas àqueles que têm caráter messiânico, e não obedecem: o leproso (1,42-44), a ressurreição da filha de Jairo (5,41-43), o surdo-mudo (7,35-36). As pessoas curadas saem gritando e fazendo propaganda de Jesus. Na segunda parte do evangelho, Jesus começa a falar abertamente da sua missão e seu destino (8,29-32a). Ele insiste no messianismo do Servo Sofredor de Javé, anunciado pelo profeta Isaías (Is 53,1-13). Sua missão consiste em passar pela paixão-morte-ressurreição (9,32-34). Nota-se, aqui, uma mensagem teológica do segredo messiânico: uma catequese que Marcos preparou para corrigir a ideologia messiânica triunfalista de sua comunidade. Jesus era o Filho de Deus, mas, durante sua vida terrena, ele o era secretamente. Só depois da Páscoa, é que os discípulos podem proclamar abertamente Jesus como Filho de Deus.

- **A incompreensão:**

A incompreensão também é uma constante no evangelho, sem, contudo, ter um vínculo direto com o segredo messiânico. A incompreensão, muitas vezes, transformando-se em incredulidade e endurecimento é gradativa e total em um processo que vai no sentido inverso da ação de Jesus, limitada inicialmente à sinagoga e a Cafarnaum (1,21), estendida a um espaço mais aberto na presença da grande multidão (3,7-8) e envolvendo os pagãos na seção sobre os pães (cap. 6-8). A multidão pouco a pouco o abandona, os escribas e os fariseus hostilizam-no até chegar à decisão de matá-lo, os discípulos e o próprio Pedro são incapazes de entender o “caminho” de Jesus (8,32) que chega à cruz sozinho, incompreendido, traído; mas seu “caminho”, em seguida, revela-se plena realização sob um aparente fracasso. Marcos remete a sua comunidade que confessa a fé no Ressuscitado ao Jesus terreno, mostrando como “evangelho” toda a sua vida.

- **A figura do discípulo:**

Os discípulos são convidados a superar-se, Pedro, os três da transfiguração, os “Doze” chamados e mandados em missão, todos os discípulos: a sua conduta incrédula é advertência para cada um não considerar fácil a proclamação do Ressuscitado, já que implica a aceitação da cruz. Assim, o caminho da Igreja que proclama o ressuscitado à aceitação do Jesus terreno implica também o processo inverso, que vai da vida de Jesus à vida da Igreja, convidada por sua vez a fazer-se discípula do Nazareno.

2- O “caminho” de Jesus mostrado ao discípulo

Desde o início do Evangelho, Jesus aparece convidando pessoas para o seguimento, isto é, ao discipulado (1,17-20; 2,14). Eram homens e mulheres (15,40-41) que o seguiam na Galileia e no caminho para Jerusalém. Jesus estará sempre acompanhado de seus discípulos, exceto quando os envia a pregar (6,7-30) e no momento trágico da paixão. Jesus reserva-lhes uma formação particular, dando-lhes um ensinamento privado, longe das multidões (4,10-25.33-34), e fazendo-os testemunhas de seus milagres (4,35-5,43). No começo, os discípulos parecem um grupo privilegiado, uma comunidade modelo. Mas começam a dar sinais de não entenderem mais nada e de serem tudo menos discípulos de Jesus: não compreendem as parábolas (4,13); não compreendem o projeto de Jesus, são cegos (6,49-52); lutam por poder (9,33-34); na hora da prisão, traem, abandonam, negam e fogem (14,50). Parece que este é o modo que Marcos usa para fazer-nos compreender que o mistério de Jesus não pode ser verdadeiramente acolhido senão com os olhos da fé.

Caminhando com Jesus, escutando os seus ensinamentos e testemunhando a sua prática, os discípulos e discípulas descobrem quais as mudanças que devem ocorrer em suas vidas: o despojamento de toda ambição de riquezas, prazeres, honras, fama e poder; o serviço sem tiranias em prol do Reino do Pai; o amor fraterno, até para com os “inimigos”; o perdão das ofensas; a doação da vida. Desta forma, pela fé, todos nós somos convidados a “dar um salto qualitativo” no seguimento do Mestre Jesus, como discípulos missionários.

Referências bibliográficas:

- ALEGRE, Xavier. *Marcos ou a correção de uma ideologia triunfalista*. V. 8. 4ª ed. São Leopoldo: CEBI, 2000.
- BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos I*. São Paulo: Loyola, 1990.
- COMBLIN, José. *A cristologia do Evangelho segundo Marcos*. In: Estudos Bíblicos. n° 64. Petrópolis: Vozes/ São Leopoldo: Sinodal, 1999.
- CRB. *Seguir Jesus*. São Paulo: CRB/Loyola, 1994.
- MONASTERIO, Rafael A.; CARMONA, Antonio R. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*. Vol.6. São Paulo. Edições Ave Maria, 1994.
- MAINVILLE, Odette (org). *Escritos e Ambiente do Novo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MARCONCINI, Benito. *Os Evangelhos Sinóticos: formação, redação e teologia*. 4ªed. São Paulo: Paulinas, 2001.
- MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- SHREINER, J.; DAUTZENBERG, G. *Forma e exigências do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2004.
- THEISSEN, Gerd. *O Novo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 2007.